

## A ECONOMIA DO MEDO E SUAS CONSEQUENCIAS, O AUMENTO SIGNIFICATIVO DO DESEMPREGO E A REDUÇÃO DO APOIO AOS DESEMPREGADOS *(uma opinião contra a corrente)*

O INE acabou de divulgar os dados da economia portuguesa referentes ao 2º trimestre de 2020, tendo-se verificado uma quebra no PIB (*riqueza produzida no país*) de 14,1% quando comparado com a do 1º trimestre deste ano, e de 16,5% quando comparado com o 2º Trimestre de 2019 (*menos 8.760 milhões € de riqueza não criada só num trimestre, e menos 3.200 milhões € de remuneração não recebidas pelos trabalhadores*). E logo se levantou um coro de surpresas e de críticas quer na comunicação social quer por parte de dirigentes políticos por causa do descalabro económico.

As perguntas que surgem imediatamente para reflexão são as seguintes: O que poderia acontecer de diferente quando se fecham empresas e estabelecimentos, se paralisa a economia, e se manda para casa quase dois milhões de trabalhadores? O que poderia acontecer de diferente quando se espalha e difunde sem um mínimo de racionalidade e de equilíbrio o medo e o pânico? Quando se assiste ao massacre diário pelos media da população confinada em casa, de manhã à noite, com notícias de mortes e de milhares de infetados, como não existissem mais doenças e mais mortes em Portugal que, com falta de assistência médica, se multiplicaram, mas de que os media não falam, logo não existem? E quando os números de mortes em Portugal não eram suficientes para aumentar o medo juntava-se os de outros países, com muito mais população? O que poderia acontecer de diferente quando se trata uma crise de saúde desta dimensão sem um mínimo de equilíbrio e de racionalidade? O que estava em jogo era demasiadamente importante e sério, e com consequências dramáticas em todas as áreas da vida dos portugueses, que merecia ter sido tratada de uma forma mais racional, rigorosa, equilibrada e planeada, e não deixada às “caixas” chocantes da comunicação social nem às declarações contraditórias dos “especialistas” e dos responsáveis da Direção Geral da Saúde.

E embora **Bernard- Henry Lévy**, seja um filósofo francês com quem não me identifico, ousou transcrever algumas das suas afirmações feitas numa recente entrevista ao semanário “Expresso”, correndo o risco de desagradar alguns leitores, pois obrigam à reflexão por serem diferentes das ideias dominantes. Afirmou ele: **“acho ignóbil” que se ponha a questão “entre saúde e economia. “A economia ou a vida. A bolsa ou a vida. Voltamos a essa máxima antiga dos salteadores de estrada. É ignóbil. Porque a economia é a vida. É a vida contra a vida. Sabemos bem que se pararmos a economia durante demasiado tempo isso leva ao desemprego, o desemprego leva à miséria, e a miséria leva à morte. Portanto, não é a economia ou a vida. É a vida contra a vida”**. Em Portugal tudo isto ganhou uma gravidade maior porque, para combater o “COVID 19” da forma como foi feita, a assistência médica a outras doenças foi reduzida drasticamente, como os números divulgados sobre o numero de consultas, de exames e de operações que se deixaram de fazer provam, o que causou um aumento significativo de mortes que, quando forem divulgadas, chocarão todos os portugueses.

E os gráficos que apresento seguidamente retirados do jornal Publico de 4/8/2020 (*é de louvar o artigo de Miguel Dantas e Rui Barros, que com o seu trabalho põem um mínimo de equilíbrio numa comunicação social que se tem caracterizado pela distorção da realidade e pela difusão do medo e do pânico*) revelam que as mortes em Portugal causadas nomeadamente pela falta de assistência médica devido à concentração dos escassos meios do SNS no combate COVID 19, e à falta de planeamento, que deixou sem assistência milhares de doentes com doenças graves foram muito mais numerosas que as causadas pelo COVID 19. Os gráficos confirmam o que sempre dissemos

**Peso da covid na mortalidade**  
Em 2020, em %



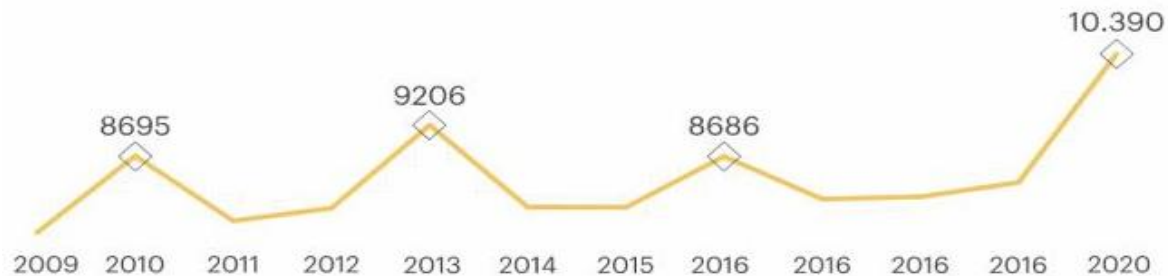
Fonte: Sistema Nacional de Vigilância da Mortalidade (eVM)

Se quiser receber gratuitamente estes estudos semanais inscreva-se em [www.eugeniorosa.com](http://www.eugeniorosa.com)

Em março deste ano, apenas 1,5% das mortes em Portugal foram causadas pelo “coronavírus”; em Abril 7,9%; em Maio 4,4%; em junho 1,9%; e, em julho, apenas 1,5% dos óbitos totais no nosso país teve como causa o “coronavírus”. E o gráfico seguinte, com o número de óbitos no mês de julho de cada ano do período 2009/2020 reforça a conclusão anterior.

## Mortalidade em Julho

Entre 2009 e 2020



Fonte: Sistema Nacional de Vigilância da Mortalidade (eVM)

Infografia/PÚBLICO

Tenha-se presente que desde o início da pandemia (Março de 2020) até 4 de Agosto, Portugal teve apenas **1.738 mortes** causadas pelo “coronavírus” segundo a DGS. Compare-se este número com o número de óbitos só em julho de 2020: **10.390**. Estes dados mostram a forma distorcida e desequilibrada como os media e também o governo trataram a pandemia causando o medo e o pânico, que não desaparece facilmente, e cujos custos em vidas e também económicos e sociais são e serão muito elevados, como estamos já sentir. Para evitar os ataques fáceis, o que sempre defendi foi uma informação equilibrada, verdadeira e responsável, que gerasse comportamentos de segurança, e não o medo profundo e o pânico como aconteceu.

E não resisto a referir novamente Henry Lévy para provocar a reflexão dos leitores: “o medo foi excessivo, havia uma parte desse medo irracional, insensata. E ao medo irracional chama-se pânico, cujos efeitos sociais não são bons”. **Na economia, afirmamos nós, os efeitos são nefastos e dramáticos como os dados do INE já revelam.**

Estamos agora com um país – Portugal – em que o medo e o pânico se alastrou, em que os portugueses têm medo de sair de casa e de regressar mesmo com a segurança possível ao trabalho, e em que o teletrabalho, isolado e individualizado (segundo Henry Levy, “o trabalho à distância é a solidão, o tédio, a mistura do público e privado, a ideia que não há esfera privada fora do imperativo produtivo, é o produtivismo, é a espionagem eletrónica dos empregados pelos patrões”), e na maioria dos casos é trabalho desorganizado (a Administração Pública é um exemplo de improvisação e de incapacidade do governo para dar orientações claras, deixando tudo ao arbítrio das chefias), se tornou a panaceia e se criou a ilusão de que o país poderá funcionar e recuperar desta forma. Mas não funciona nem é verdade que recuperará e os dados do INE do PIB já provam isso

### **A REDUÇÃO DA RIQUEZA CRIADA NO PAÍS NO 2º TRIMESTRE DE 2020 EM 16,5% E A DESTRUIÇÃO CRESCENTE DO APARELHO PRODUTIVO NACIONAL E DO EMPREGO**

Uma das ilusões que o governo e muitos jornalistas estão a difundir é que a crise é passageira (para Siza Vieira: “já atingimos o pico da crise”), e que o país após a pandemia tem o seu aparelho produtivo intacto (diretor do ECO) e rapidamente recuperará (seria uma crise em “V”o que não é verdade, talvez em U ou W longos). Ora tudo isso é uma ilusão, quando não mesmo uma mentira. Com o medo que se instalou na sociedade portuguesa (e o medo tem um efeito enorme na economia pois leva a quebra significativa da produção e do consumo), com a quebra generalizada de rendimentos dos trabalhadores (lay-off, horários reduzidos, e desemprego), e com o fecho de mercados externos, é evidente que a crise vai ser prolongada e vai causar uma enorme destruição de empresas (fecho) que não se aguentarão por falta de vendas (alguns chamam a isso “destruição criativa” pois só se aguentarão as empresas mais fortes) e também uma enorme destruição de emprego que levará muito tempo a recuperar e muitos trabalhadores serão excluídos definitivamente do mercado de trabalho e muitas empresas desaparecerão. Não compreender isto é estar cego, nem tomar medidas imediatas para reativar a economia é suicídio. O aumento do desemprego e o fecho definitivo de muitas empresas que se já verificou é apenas o sinal de uma crise social e económica que não sabemos quando terminará, e cuja recuperação será mais difícil devido à desorganização que está a causar em toda a Administração Pública que é um

**Se quiser receber gratuitamente estes estudos semanais inscreva-se em [www.eugeniorosa.com](http://www.eugeniorosa.com)**

instrumento vital no combate à crise, que antes da crise já enfrentava graves deficiências e problemas, e que a crise só multiplicou (*são necessário objetivos claros, decisões rápidas, medidas implementadas urgentemente, investimento, nomeadamente público, elevado, tudo isto era necessário por parte do Estado para vencer a crise mas nada disto está a acontecer nem vai acontecer a breve trecho*).

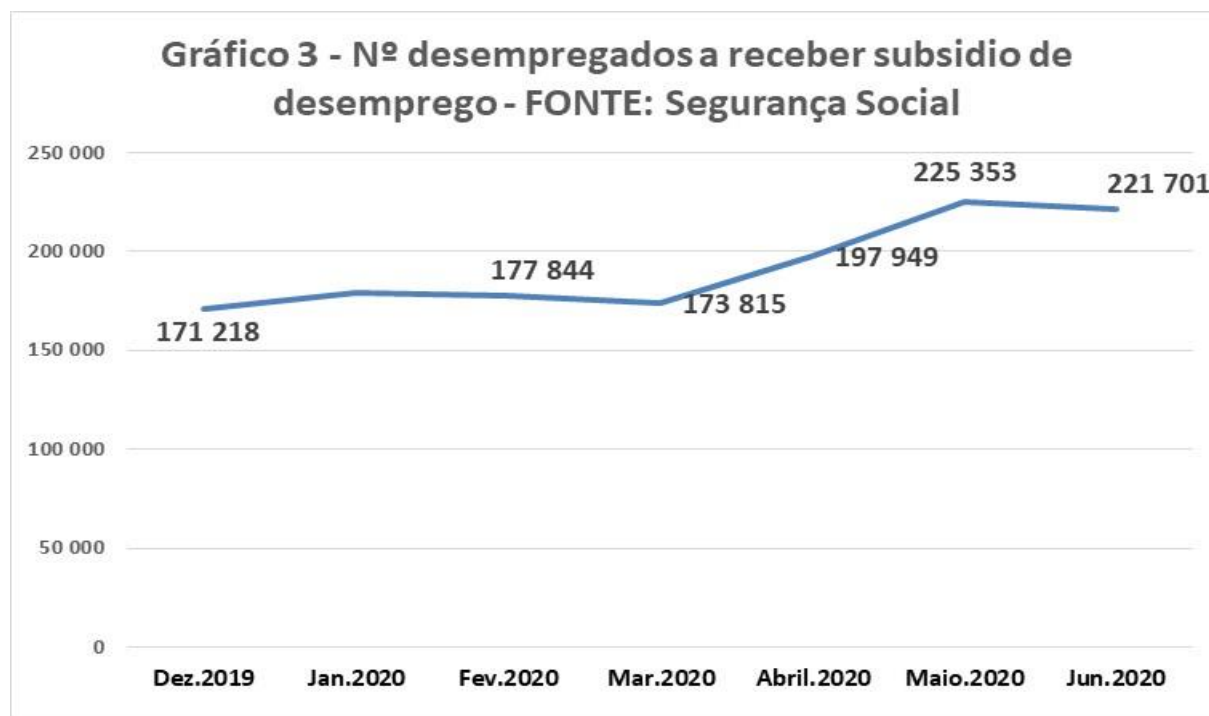
Os dados da evolução do desemprego real em Portugal do INE (*quadro 1*), que é apenas o sinal inicial da crise que vamos enfrentar, confirmam a gravidade da situação que se procura iludir

**Quadro 1- o aumento do desemprego oficial e do desemprego real de Março/junho de 2020**

DESIGNAÇÃO	Março-2020	Abril-2020	Maió-2020	Junho-2020	Mar/Jun2020
<b>I-DESEMPREGO OFICIAL</b>	<b>327 100</b>	<b>318 600</b>	<b>278 400</b>	<b>331 200</b>	<b>4 100</b>
(1) Inativos à procura de emprego mas não disponíveis	19 500	23 500	25 400	23 400	3 900
(2) Inativos disponíveis mas que não procuram emprego	180 000	226 000	312 100	281 600	101 600
<b>II-DESEMPREGO REAL (I+1+2)</b>	<b>526 600</b>	<b>568 100</b>	<b>615 900</b>	<b>636 200</b>	<b>109 600</b>
<b>III- Desemprego real superior ao desemprego oficial - Em %</b>	<b>61,0%</b>	<b>78,3%</b>	<b>121,2%</b>	<b>92,1%</b>	<b>31,1%</b>

Fonte: INE, Inquérito ao Emprego.

Entre março e junho de 2020, em apenas 3 meses, o desemprego oficial aumentou em 4.100, mas o desemprego real subiu em 109.600, ou seja, em 26,7 vezes mais. E isto porque o INE não considera para cálculo do “desemprego oficial” todos os desempregados que no período em que fez o inquérito não procuraram emprego, apesar de serem trabalhadores no desemprego (*os chamados “inativos disponíveis” que em junho de 2020 já somavam 305.000 quase tanto como desemprego oficial*), que incluímos no cálculo do desemprego real, por serem verdadeiros desempregados. O desemprego real atingia, no fim de jun.2020, já 636.200 trabalhadores. O desemprego oficial do INE oculta à opinião pública o desemprego real. O número dos que estão a receber subsídio de desemprego é muito reduzido como mostra o gráfico 3 (*Segurança Social*).



Em jun.2020, o número de trabalhadores desempregados já atingia 636.200, mas o número destes que recebiam subsídio de desemprego eram apenas 221.701. E entre maio-junho 2020 diminuiu em 3.652 apesar do número de desempregados ter aumentado nesse mês em 20.300. **Somente 35 em cada 100 desempregados recebem subsídio de desemprego.** E o subsídio médio de desemprego pago neste mês foi, segundo dados da Segurança Social (ver no seu “site”) de apenas de 504,70€. É a miséria que se está a alastrar no país perante a inação de um governo que nada faz de concreto para reativar a economia (*só promete “bazucas” da U.E. que continuam sem disparar*). Não é com “lay-offs”, com reduções de horários de trabalho e dos rendimentos dos trabalhadores, e moratórias que se consegue a recuperação. Isso só prolonga a agonia e torna o final muito mais doloroso e destrutivo

Eugénio Rosa, [edr2@netcabo.pt](mailto:edr2@netcabo.pt), 1-8-2020 completado em 4-8-2020